

Os mapas em Portugal **Sobre uma viagem ao mundo da Cartografia portuguesa**

Nicole Devy-Vareta

"É do passado, do presente e do futuro da Cartografia portuguesa que se fala neste livro." Estas poucas palavras tiradas da Introdução dão o tom inicial da obra *Os mapas em Portugal*¹, que o complemento do título - *Da tradição aos novos rumos da Cartografia* - já podia fazer pressentir. Não é propriamente um tratado sobre Cartografia portuguesa, embora apresente as suas principais vertentes- Cartografia antiga, Cartografia topográfica e temática, sua produção e difusão. Na Introdução, a coordenadora Maria Helena Dias sublinha que, antes de mais, se pretendeu fazer uma "obra séria" de divulgação, com base nos trabalhos científicos dedicadq^ à Cartografia, até ao momento. Daí a importância que reveste a publicação desta obra. É a primeira do género em Portugal, escrita por especialistas no "vasto domínio da produção e utilização de informações cartográficas" (p.18).

Qual então o perfil do livro? Trata-se de uma colectânea de contribuições organizadas em capítulos, cada uma oferecendo as referências bibliográficas essenciais do tema desenvolvido. A maior parte foi elaborada por geógrafos universitários, portugueses e estrangeiros, e a própria coordenação da obra é de uma geógrafa que apresentou em Portugal a primeira tese de doutoramento especializada em Cartografia². Dos oito capítulos apenas um, consagrado à Cartografia topográfica, não foi escrito por "geógrafos", mais vocacionados para os mapas temáticos. Eis mais uma característica peculiar desta obra: a de ter sido concebida, coordenada e essencialmente redigida por geógrafos (quando se sabe que muitas das produções cartográficas, como outras tantas pesquisas sobre Cartografia, foram e são conduzidas por investigadores ou amadores "não geógrafos").

1 *Os Mapas em Portugal. Da tradição aos novos rumos da Cartografia*, (coord. por Maria Helena Dias), Ed. Cosmos e Cooperativa Penélope, Cadernos Penélope 2, Lisboa, 1995, 344 p. A edição é apoiada pela Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

2 *Leitura e comparação de mapas temáticos em Geografia*, Tese de Doutoramento em Geografia, Universidade de Lisboa, 1988, 452 p. (Memórias 13, Centro de Estudos Geográficos, Lisboa, 1991, 433 p.)

A obra não pretende ser um manual de Cartografia. Todavia, a organização do seu plano foi feita como se de um compêndio se tratasse: da História da Cartografia à Cartografia automática, os capítulos sucedem-se, conseguindo um feliz equilíbrio entre os vários temas abordados.

Começa por um amplo desenvolvimento sobre a evolução da Cartografia -*Aspectos da evolução da Cartografia portuguesa (séculos XV a XIX)* -, da autoria de Maria Fernanda Alegria e João Carlos Garcia. A apresentação e crítica de fontes, a "controversa questão das origens" abrem este estudo fundamental no âmbito da Cartografia antiga de Portugal. Maior destaque é dado à produção cartográfica dos séculos XV e XVI, sendo este último "um período aúreo da cartografia portuguesa". Daí o particular cuidado na escolha de alguns dos mapas mais representativos desta época, reproduzidos a cor. Nos dois séculos subsequentes, de relativa estagnação cartográfica, aponta-se para as complexas relações entre Cartografia do país e do Império, poder político e militar, até à institucionalização da Cartografia e o surgimento das séries de média e grande escala, a partir dos meados de Oitocentos.

O primeiro capítulo é seguido de outro sobre a *Difusão e ensino da Cartografia em Portugal*, da autoria de Suzanne Daveau e Júlia Galego. A importância dos mapas é aqui analisada mais como instrumento do poder, salientando-se as eventuais causas da "renovação cartográfica gorada" do século XVIII e a prolongada difusão pública de mapas regionais de má qualidade. Uma segunda parte considera a evolução do ensino da Cartografia, e a Cartografia no ensino da Geografia. A importância desta segunda vertente é particularmente realçada pela apresentação evolutiva dos manuais e atlas publicados do século XIX até à actualidade.

Assim, com os capítulos I e II que somam uma centena de páginas, temos o principal núcleo essencialmente relacionado com o "passado", ou seja, a Cartografia antiga de Portugal.

O capítulo III aborda os aspectos mais recentes da Cartografia topográfica, fornecendo a situação do "presente" e perspectivas para o "futuro": *Novos rumos para a Cartografia topográfica portuguesa*, dos engenheiros geógrafos José M. Barreiro Guedes, João M. Cordeiro Fernandes e Eduardo Saavedra (p. 127-157). A apresentação dos "novos rumos" é genérica, mas adaptada à dimensão física e ao objectivo de divulgação do livro e bem ilustrada. Analisa-se a revolução trazida pelas novas tecnologias, detecção remota e informação gráfica ou alfanumérica, na produção cartográfica. Contudo, os autores salientam a ainda escassa automatização da Cartografia do lado dos produtores de mapas e, sobretudo, a falta de normalização dos bancos de dados existentes, que dificultam a racionalização e utilização rentável dos Sistemas de Informação Geográfico.

Os três capítulos seguintes são directamente consagrados à Cartografia temática e formam outro conjunto de cerca de 100 páginas, mais dedicadas ao "presente" da produção cartográfica no país.

No capítulo IV- *A Cartografia portuguesa moderna: os mapas temáticos*, é caracterizado o desenvolvimento das séries temáticas a partir dos anos 1860. A autora Suzanne Daveau mostra o pioneirismo de várias instituições do país no lançamento e levantamento de campo de grandes séries, nomeadamente no âmbito da Cartografia agrícola. Sabe-se contudo como ficaram inacabadas as coberturas das séries iniciadas dos finais do Oitocentos até aos meados do século XX. É também apresentada a recente diversificação da produção cartográfica em muitas especialidades da investigação universitária, com exemplificação da História e da Geografia.

Segue-se uma síntese sobre *A Cartografia geomorfológica em Portugal* (Cap. V), de António de Brum Ferreira, Maria Luísa Rodrigues e José Luís Zêzere. Após ter esboçado a situação da Cartografia geomorfológica à escala internacional, os autores fazem a abordagem da sua evolução em Portugal. Insiste-se particularmente na produção mais recente, elaborada a partir dos anos 1980. São exaustivamente analisados as publicações e trabalhos académicos de Geomorfologia que integram mapas de média e grande escala. É dado um relevo especial à evolução da Cartografia de "muito grande escala", apontando para os necessários pressupostos metodológicos, e sua relação com os mapas de riscos naturais.

Os *Aspectos da produção e utilização actual dos mapas temáticos em Portugal* é o fulcro do último capítulo desse conjunto, redigido por Maria Helena Dias (cap. VI). Como especialista em Cartografia, a autora consagra uma parte às questões metodológicas da concepção e construção dos mapas temáticos, evidenciando as deficiências na Cartografia portuguesa. É notável a "proliferação recente" dos mapas temáticos, de que se mencionam os principais produtores, mas ainda se verificam numerosas lacunas neste ramo. Maria Helena Dias realça, por exemplo, a ausência de um Atlas de Portugal actualizado. A originalidade deste capítulo reside na "visão jornalística portuguesa da Cartografia", abundantemente ilustrada, onde se demonstra a importância do mapa na nossa cultura da imagem. Mas o balanço da autora é "apreensivo", quando considera as múltiplas des-formações cartográficas que lemos nos jornais e vemos, fugazmente, na televisão.

Por fim, em pouco mais de 80 páginas, entramos no "futuro" ainda tímido da produção da Cartografia temática portuguesa, que se prende com o recurso à informática. São duas as contribuições elaboradas por especialistas estrangeiras em Cartografia.

O Capítulo VII - *As Transformações cartográficas espaciais e anamorfoses* - de Colette Cauvin propõe uma análise das imagens distorcidas, surpreendentes para muitos leitores, que resultam da "transformação" dos mapas convencionais. Retomando as próprias palavras da autora, "o objectivo do capítulo é apresentar estas transformações, explicar as suas especificidades e interesse (e também os perigos), mostrar que existem vários tipos e que as anamorfoses são somente casos particulares das transformações cartográficas espaciais" (p. 269). Primeiro oferecem-se definições, desenvolvem-se depois os

tipos de transformações. Com abundantes figuras exemplificativas do espaço português, este capítulo distingue-se pela clareza e limpidez da exposição.

A *Cartografia e o computador* é o oitavo e último capítulo da obra, onde Sylvie Rimbert nos mostra a eficácia do computador na representação das funções cartográficas. A autora trata sucessivamente das funções de localização, documentação e análise espacial, simulação, comunicação. A cada função é associada a apresentação de sistemas e instrumentos concretos, alguns com mais pormenor e ilustração, por exemplo os sistemas de cores e os modelos numéricos de terreno no caso da função de comunicação cartográfica. Daí um discurso acessível e convincente para os leitores menos preparados em Cartografia automática.

Acabada esta viagem pela Cartografia portuguesa de *Os Mapas em Portugal*, pretende-se sublinhar o bem sucedido da obra, que corresponde às expectativas criadas na leitura da introdução. Tem contudo um senão. Ter escolhido este tipo de organização, onde são valorizados os diferentes discursos e pontos de vista das contribuições, contém em si mesmo o perigo de repetições de um capítulo para outro. É o que aqui acontece, nomeadamente nos quatro primeiros capítulos, onde todos os autores mencionam, com maior ou menor pormenor, a cronologia da Cartografia moderna e das respectivas séries, a partir da segunda metade do século passado. O mesmo se verifica nos capítulos III e VIII, onde se desenvolvem os conceitos e métodos dos Sistemas de Informação Geográfica.

Mas sabemos que esta aparente "desordem" é inerente ao processo de investigação que se reflecte na obra³. A sua leitura será sempre enriquecedora e estimulante para qualquer pessoa, não só pelo conteúdo da informação, como também pela pluralidade das ideias e imagens reunidas. Este tipo de colectânea fazia falta à Geografia portuguesa, onde escasseiam as obras que consigam ultrapassar os actuais limites das especialidades disciplinares. São bemvidos *Os mapas em Portugal* por oferecerem este sabor de universalidade que a Geografia vem a perder.

3 Quem desejar uma sistematização mais rigorosa sobre a produção cartográfica das instituições nacionais poderá encontrá-la no artigo de Maria Helena Dias, "As vicissitudes das séries topográficas e temáticas: um retrato da Cartografia portuguesa contemporânea", *Finisterra*, Lisboa, XXX, 59-60, 1995, pp. 57-76.